

Reportagem Especial *

Os médicos voluntários da Amazônia

QUANDO A SAÚDE VEM DE BARCO

Projeto Doutores das Águas atende comunidades ribeirinhas

Herton Escobar / TEXTO
Tiago Queiroz / FOTOS
ENVIADOS ESPECIAIS A ITACATIARA

Dez metros acima das águas barrentas do Rio Amazonas, no topo de um barranco em Itacatiara, a 270 quilômetros de Manaus, um bando de caboclos com serras e talhadeiras equilibra-se sobre as ripas de um grande casco de madeira escura, batendo e cortando. O ritmo de trabalho é ditado pelo calor denso da Amazônia, que pesa sobre suas cabeças, e pelo nível do rio abaixo deles, que está mais alto do que deveria para a época do ano. Dentro de uns dois meses, a água voltará a subir, e quando ela retornar ao topo do morro, em abril de 2014, o barco tem de estar pronto para fluir. A saúde de centenas de famílias ribeirinhas depende disso.

O casco de 40 toneladas, construído de madeira de ipê e itaúba, é o primeiro estágio do novo barco-hospital do projeto Doutores das Águas, criado em 2011 por um grupo de médicos e pescadores de São Paulo que, sensibilizados com as necessidades dos ribeirinhos que conheciam durante as viagens à flo-

resta, resolveram fazer algo a respeito. “Quando a gente vai pescar, são eles que cuidam da gente; então estava na hora de a gente retribuir e começar a cuidar deles também”, diz o médico Francisco Leão, de 61 anos, um dos idealizadores do projeto.

Há três anos o Doutores das Águas leva atendimento médico e odontológico a centenas de famílias que vivem em comunidades isoladas nas bacias do Rio Negro e do Rio Madeira, centenas de quilômetros ao norte e ao sul de Manaus, respectivamente. Só nes-

● **Solidariedade**
“É um trabalho muito emocionante. Ao mesmo tempo em que as famílias são extremamente carentes, elas parecem extremamente felizes. Já emiti minha passagem para voltar no ano que vem”

“As famílias são muito grandes, mas são bem estruturadas. Coisa que a gente não vê aqui em São Paulo”

Maria Angélica Binotto
CARDIOPEDIATRA DO INCOR QUE PARTICIPA DO PROJETO

te ano, foram atendidas mais de 1,3 mil pessoas. Os médicos são todos do Estado de São Paulo e o trabalho é 100% voluntário – cada um paga a própria passagem até Manaus e presta o serviço gratuitamente.

“É uma experiência inesquecível. A gente vai lá e recebe muito mais do que dá”, conta o urologista Leão, que já não clinicava há muitos anos, mas encontrou no trabalho voluntário uma forma de se reconectar com a essência humanitária da medicina. “Um mês que eu tiro para fazer atendimento lá é muito mais gratificante do que um ano atendendo num consultório em São Paulo.”

“Todo mundo vem por idealismo, e todo mundo se emociona”, diz o presidente da organização Doutores das Águas, Mauro Almeida Prado, um zootecnista, empresário e pescador de origem paulistana que vive em Manaus há mais de 30 anos e conhece o interior do Amazonas melhor do que muito caboclo nativo da terra. “A satisfação pessoal de cada um ao fim da viagem é indescritível.”

Prado é proprietário da Pescaventura, uma empresa de turismo que organiza viagens de pesca esportiva em regiões remotas da floresta. A ideia do projeto social nasceu em 2010, quando Leão, que era cliente em uma des-



Prado e a nova embarcação. Custo chega a R\$ 600 mil

sas viagens, foi abordado por uma senhora ribeirinha que reclamava de dores nos pés. Ele fez uma consulta e deu a ela um frasco de analgésicos, pelo qual a senhora ficou profundamente agradecida.

Então, perguntou a Prado se havia alguma ONG que prestava serviços médicos a comunidades ribeirinhas, com a qual ele poderia colaborar. Prado procurou, mas não encontrou nenhuma de seu agrado, e resolveu desenvolver um projeto próprio, em parceria com Rubinho de Almeida Prado, seu primo e sócio.

Leão começou a recrutar os médicos, Prado e Rubinho se incumbiram de levantar o dinheiro e organizar a logística, e assim tudo começou. A pri-

meira viagem foi em abril de 2011, para a região do Rio Madeira, onde muitos ribeirinhos nunca havia passado por uma consulta médica na vida. A comunidade mais distante atendida pelo projeto fica a cerca de 400 km de Manaus, no Rio Acari.

“Vamos aonde é mais necessário, não aonde é mais fácil ou mais barato”, orgulha-se Prado. Cada viagem, segundo ele, custa cerca de R\$ 100 mil – bancados por meio de uma série de parcerias e patrocínios. “Tapamos um buraco enorme que os governos não conseguem preencher.”

Logística. Cada equipe leva seis médicos, dois dentistas, uma enfermeira e uma farmacêutica, além do pessoal de

Com unidades portáteis, dentistas não param

O sorriso dos ribeirinhos, apesar da vida difícil que levam, é uma das coisas que mais emocionam os voluntários do Doutores das Águas. E é também o que expõe um dos principais problemas de saúde: a falta de higiene bucal e de acesso a dentistas.

O projeto trabalha com dois consultórios portáteis de odontologia, com cadeiras e equipamentos adaptados para o trabalho no campo. E os dentistas trabalham sem parar, sempre. “O maior problema, sem dúvida, é o odontológico. Porque a bala e o salgadinho chegam, mas a escova de dente, não”, diz o médico Francisco Leão.

Além do atendimento, a equipe faz um trabalho edu-

cativo e preventivo, distribuindo kits de higiene bucal e ensinando as pessoas a usar escovas e fio dental.

Outro problema disseminado são as verminoses. “Nosso procedimento básico é vermifugar todo mundo, incluindo os gatos e cachorros”, diz o presidente da ONG, Mauro Prado.

Problemas dermatológicos, ginecológicos e nutricionais – principalmente entre as crianças – também são frequentes. “As necessidades médicas deles são muito básicas, porque o que for mais grave o ambiente se encarrega de eliminar”, observa Leão. “Assim, intervenções mínimas têm um impacto enorme na vida deles.”/H.E.

Para ninguém
ficar de fora

* As comunidades são avisadas com antecedência sobre a visita do barco

para que moradores de pontos mais isolados possam se destacar para lá e ser atendidos também. Aqueles que vêm de fora têm sua gasolina reposta pelo projeto.

TIAGO QUEROZ/ESTADÃO



DOUTORES DAS ÁGUAS

● Projeto leva atendimento médico a 12 comunidades ribeirinhas nas bacias dos Rios Negro e Madeira



Bacia do Rio Negro

6
comunidades atendidas

608
pessoas atendidas em 2013

Bacia do Rio Madeira

6
comunidades atendidas

713
pessoas atendidas em 2013

Hospital Flutuante

Ficha técnica do novo barco, que começará a operar em 2014

● **Tamanho:** 21 m de comprimento; 7 m de largura; 7,5 metros de altura

● **Tipo de casco:** balsa

● **Material de construção:** madeira (itaúba, ipê e louro-rosa)

● **Capacidade de carga:** 120 toneladas

● **Ocupação:** 40 pessoas

● **Serviços:** 8 consultórios médicos; 1 farmácia e 1 sala limpa para ginecologia e pequenas cirurgias

● **Custo de construção:** R\$ 600 mil

● **Custo por viagem de atendimento:** R\$ 100 mil

INFOGRÁFICO/ESTADÃO



Contra o tempo. Obra tem de acabar antes da cheia

apoio (30 pessoas no total). Durante a viagem, nada de pescaria. A demanda de saúde das comunidades é grande, e a carga de trabalho é pesada.

Os médicos passam uma semana em cada região, atendendo uma comunidade por dia, em consultórios improvisados dentro de escolas e igrejas. Isso porque o barco atual, chamado Kalua, é de pesca esportiva, sem espaço adequado para fazer o atendimento, o que obriga a equipe a "perder" várias horas por dia montando e desmontando toda a infraestrutura de atendimento em terra firme.

Com o novo barco, essa dificuldade deixará de existir. A embarcação, que ainda não tem nome, terá espaço para oito consultórios, além de uma far-

mácia e uma sala limpa para atendimento ginecológico e realização de pequenas cirurgias – o que permitirá ao projeto atender mais pessoas, com mais eficiência, mais qualidade e mais segurança, segundo Prado.

"Fico mais alegre de fazer um negócio que não é só pra carregar boi", diz o carpinteiro Adelson França de Freitas, de 55 anos, responsável pela construção do barco. Nascido em Manicoré,

às margens do Rio Madeira, ele conhece bem o déficit de saúde das comunidades ribeirinhas. "Um barco desses vai ser muito especial. Dá prazer de construir."

O formato do casco chama a atenção. Prado optou por um projeto retangular e de baixo calado, do tipo balsa, para ter o máximo de área útil possível acima d'água e ainda ter acesso a áreas de água mais rasa. A meta é que o barco fique pronto até abril de 2014, a tempo para as próximas viagens do Doutores das Águas – realizadas sempre no pico da cheia.

O custo estimado do barco é de R\$ 600 mil. Mas falta financiar metade disso.



NA WEB

Vídeo. Veja o trabalho que é feito pelos Doutores das Águas
www.estadao.com.br/e/barco